



Adeus a Paulo Márcio



Conheci Paulo Márcio no antigo prédio da justiça Federal, na Piedade. Ele era Agente de Segurança, mas trabalhava na Seção de Distribuição. Nossa amizade se solidificou quando ele soube que eu queria brincar num bloco de carnaval e ele me indicou o bloco Frenesi. Eu, meu marido e ele brincamos alguns anos no Frenesi até que Paulo resolveu levar-nos para o bloco Os Internacionais. E assim, de carnaval em carnaval, passamos de colegas para amigos,

Meus filhos chamavam Paulo de tio e foi justamente num aniversário de minha filha mais velha que ele, Cedraz e Elvis deram de presente pra ela uma camisa do Vitória. E fizeram uma campanha tão maciça que a criança tornou-se torcedora do Vitória. Briguei com eles, pois sou torcedora do Bahia, mas não adiantou, Téa tornou-se rubro-negra para alegria de Paulo, que ficava debochando de mim.

Quem conviveu mais de perto com Paulo sabe que ele tinha um temperamento forte e tivemos muitos desentendimentos quando ele trabalhou no arquivo e lá ficavam a coleção de Diário Oficial da União que diariamente eu tinha que consultar, mas apesar dessas intercorrências eu tinha muita paciência com ele e ele sempre foi muito carinhoso comigo. Prevaleceu sempre entre nós o coleguismo, a amizade e o respeito.

Depois que ele se aposentou me visitou várias vezes na Biblioteca tentando me convencer a me aposentar. Pois é, Paulo, enfim eu segui seu conselho e já não sou mais servidora ativa da Justiça Federal e me afastei da minha adorada Biblioteca da Seção Judiciária da Bahia.

Vou sempre lembrar do último abraço que eu te dei ao te encontrar na agência da Caixa Econômica. Se eu soubesse que seria o último, o abraço teria sido mais demorado, mas o que me consola é que foi muito afetuoso, como tantos que trocamos em 35 anos de trabalho..

Paulo Márcio estava fazendo parte do Conselho Fiscal da ASSERJUF e era um associado participativo, sempre presente nos eventos promovidos pela Associação. Sempre foi carinhoso e respeitoso para com as funcionárias do escritório e elas nutriam por ele verdadeira amizade. Ele podia se zangar com todo mundo, menos com elas, as "meninas da ASSERJUF"..

Em nome da Diretoria da ASSERJUF e do seu quadro funcional externamos os nossos agradecimentos póstumos por seus serviços como Presidente do Conselho Fiscal e apresentamos à família nossos sinceros pêsames por seu prematuro falecimento.

Adeus, Paulo! Descanse em paz, na luz e no amor de Jesus!

Sua colega "crocodila" (como ele me chamava pra me tirar do sério)

Luzineide

Feliz Aniversário

16/06

**Maria Leonice Carvalho Amado
Daniela de Oliveira**

17/06

Renato Neves Leite Junior

18/06

**Ayme Ribeiro de Freitas
Mária de Lourdes dos Santos Sacramento**

19/06

**Márcia Rodrigues de Araújo
Sílvia Maria da Cruz Azevedo
Joana Santos**

20/06

**Elizabete Marques Ramos
Vania Regina Cardona Clavel**

21/06

**Adroaldo Magalhaes Fonseca
Cléa Quadros Souza
Regina Moreira Neves da Rocha
Ana Cláudia Dias Lima Seixas**

23/06

**Andrea Gesteira Ramos
Patrícia Farias de Oliveira
Neide Moreira**

Historiador da BA fala da origem das festas juninas, importância na cultura popular e devoção a santos: 'Festa da colheita'

Manoel Passos também explica sobre o surgimento da fogueira e a relação dos festejos juninos com o catolicismo. Festas também trazem características francesas, com as quadrilhas, além das adaptações do Brasil.

Mesa farta com comidas típicas do Nordeste, licor, fogueira e forró são alguns dos elementos do São João. Embora haja, no formato em que a festa é conhecida, fortes características brasileiras, os festejos juninos são de origem portuguesa, como explica o historiador baiano Manoel Passos.

"O São João é uma festa de origem portuguesa, quem nos colonizou. Ela veio da Península Ibérica, quer dizer, tem a origem bíblica. O grosso da comemoração vem de Portugal", conta.

Apesar da origem portuguesa e católica, os festejos também trazem características francesas, com as quadrilhas, além das adaptações do Brasil.

"As quadrilhas, apesar de serem de origem francesa, passaram por uma adaptação, uma estilização ao Nordeste, ao Brasil. Anariê, por exemplo, é uma palavra francesa. Mas a gente introduziu [na quadrilha] o 'olha a chuva', 'olha a cobra' e as coreografias da quadrilha. Então, todos esses elementos compõem essa celebração desses festejos", conta.

O historiador também explica sobre o surgimento da fogueira e a relação com o catolicismo. Segundo ele, a fogueira é um símbolo de São João porque Isabel, irmã de Maria, precisou de madeira e fogo para fazer um anúncio.

"Maria, mãe de Jesus Cristo, com a prima dela, Isabel, combinaram que quando João Batista nascesse, Isabel acenderia uma fogueira para avisar a Maria sobre o nascimento. Essa é a origem da fogueira", detalha.

O historiador detalha que a devoção a Santo Antônio, São João e São Pedro, presentes no catolicismo por causa do colonialismo português, até hoje são destaques na cultura popular do Brasil, principalmente no Nordeste.

"[São João] É uma comemoração eminentemente católica, que faz referência ao santos nas festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Mas quando [a festa] chega aqui no Brasil há um processo de estilização, é um comemorar praticamente da colheita", explica.

"É uma festa caipira e algumas coisas foram acrescentadas. A quadrilha é de origem francesa, a música é o forró, que tem origem do Nordeste. Aí você já vai pegando essas questões culturais. E como é que se comemora? Os licores são específicos, típicos da comemoração dessas festas juninas especialmente os mais famosos, como licor de jenipapo", conta.

Ainda sobre os elementos da culinária junina, o historiador destaca outras iguarias.

"O amendoim cozido é bem específico daqui. A gente conhece amendoim seco em toda parte do mundo, mas cozinhar é daqui. O milho, a gente [do Nordeste] come de todas as formas, milho assado, milho cozido, canjica, cuscuz, pamonha. Tudo isso, todos esses elementos, fazem parte desse cardápio junino. Por isso que eu digo que é uma festa da colheita", diz.

Manoel também fala sobre os fogos de artifício e explica sobre o que chama de "processo de amadurecimento" dessas festas.

"Recriamos algumas coisas. Quem inventou a pólvora foram os chineses, que são os que fazem as melhores fogos. Em Portugal [o São João é em Porto], tinham-se balões, até hoje tem. As pessoas compram balões pequenos e a bucha é de parafina. Quando a



parafina termina, o balão desce e não causa incêndio", conta.

"Hoje, por exemplo, a gente vê um São João com palcos, São João de camisa. Mas antes, era aquela coisa de você passar pela casa das pessoas e perguntar: 'São João passou por aqui?'. As pessoas preparavam suas mesas, com bolos, comidas, canjica e recebiam gente dentro de casa", relembra.

Expansão do turismo no interior

Cidades do interior da Bahia com praças vazias, sem o som da sanfona, sem as vozes de multidões. Assim deve ser o segundo ano consecutivo

sem São João na Bahia, por causa da pandemia. A situação já causa impactos sociais, econômicos e culturais.

Alguns municípios têm os festejos juninos como grande fonte de geração de trabalho e movimentação da economia. O historiador Manoel Passos conta que, com a expansão do turismo, essas cidades começaram a investir ainda mais na organização das festas juninas. Grupos saem de outras cidades, estados e até países para conhecer o São João de cidades da Bahia.

Os eventos, a maioria, são realizados nas praças centrais das cidades, com um palco montado onde são realizados shows gratuitos para o público. Em cidades como Amargosa, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas e Senhor do Bonfim, são realizadas, além desses eventos públicos, festas particulares com atrações diversas, inclusive bandas que não têm características de forró.

"Quase todas as cidades da Bahia comemoram o São João, então circula pessoas, dinheiro, ideias, mercadorias. Isso é interessante nesse aspecto. Cada cidade tem uma atração, os cantores, as quadrilhas. Todos esses elementos juntos fazem com que essa festa seja realmente ímpar, nordestina", conta.

Forró raiz

Manoel diz acreditar que prefeitos de algumas cidades baianas se preocupam em não descaracterizar a festa junina ao manter um perfil de atrações musicais que tenham o forró em seus aspectos.

Para ele, manter a "alma da pessoa sertaneja", com o São João original e uma festa junina autêntica, são formas de fortalecimento cultural sem que a cidade deixe de investir no turismo e ter retorno econômico.

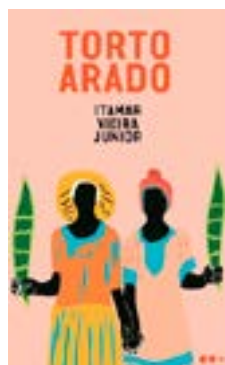
"A gente não pode negar que o turismo é um vetor econômico, um vetor de desenvolvimento. Isso gera movimentação econômica da cidade, gera riqueza, circula mercadorias, circulam pessoas e essa evolução. Os estilos musicais do São João são mais específicos, mas hoje a gente vê novos elementos, os cantores da moda são requisitados, mas esses cantores também começam a se adaptar levando ao público algo mais característico do São João", opina.

Sobre a pandemia, o historiador lamenta como a situação desarticulou uma série de comemorações, atividades culturais, econômicas e sociais, não apenas na Bahia, mas em todo o Brasil.

"A gente sabe que toda essa situação está gerando um prejuízo imenso na economia. Imagina as cidades pequenas que têm o São João como a principal atividade econômica? É um prejuízo para economia dessas localidades, eu diria que especialmente no Nordeste", disse.

"E a mesma coisa está ocorrendo com o carnaval, que se é não a maior, talvez seja uma das maiores festas do mundo e é o segundo ano sem a festa. Isso afeta muito a economia local lamentavelmente", conclui.

Nasce um clássico instantâneo



Estou muito comovido e sentindo que acabo de ler um clássico instantâneo e que no futuro ainda se falará muito sobre Torto Arado, livro espetacular de Itamar Vieira Junior.

Impossível não se surpreender com a força desta obra, primeiro romance d1o baiano de apenas 41 anos e vencedor de prêmios de grande prestígio como Oceanos, Jabuti e LeYa, este último de Portugal e que só uma vez havia sido concedido a um autor brasileiro.

Torto Arado foi lançado inicialmente em Portugal para só depois atrair a atenção do mercado brasileiro onde figura há meses no topo da lista dos mais vendidos com mais de 100 mil exemplares e com rasgados elogios do público e da crítica. A obra já teve direitos vendidos para diversos países e será em breve adaptada para o cinema.

Uma história narrada no sertão baiano, atemporal, cercado de misticismo, racismo e luta pela terra e que conta a saga de uma família de quilombolas na Chapada Diamantina. Narrado pelas irmãs Bibiana e Belonísia e pela entidade “encantada” Santa Rita Pescadeira, o livro chega a um público encharcado de narrativas urbanas e carente de uma história rural, num país desigual e que volta suas costas para o Brasil profundo e para o seu passado. As narradoras carregam o peso de serem mulheres, negras, pobres e nordestinas numa sociedade patriarcal, racista e violenta.

Este livro precisava ser lançado e chega na sua hora mais necessária. O autor, na elogiada entrevista que deu ao Programa Roda Viva, da TV Cultura, que merece ser assistido pelo YouTube, cita como uma das suas motivações, frase da escritora afro-americana Toni Morrison, Nobel de Literatura: “Se há um livro que você quer ler, mas não foi escrito ainda, então você deve escrevê-lo”. Itamar escreveu uma história que vai viver para sempre e da qual selecionei o trecho abaixo:

“O medo atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre. Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo.”

SAÚDE

Saiba os critérios de doação de sangue pós-vacinação ou durante a pandemia



Doar sangue salva vidas e leva esperança para diversos casos de quem luta contra alguma doença. Nesta segunda-feira (14), acontece o Dia Mundial do Doador de Sangue, data criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no ano de 2014 e como uma homenagem ao nascimento do imunologista austríaco Karl Landsteiner, o qual descobriu o Fator RH (+ ou -), além das diferenças entre os tipos sanguíneos.

Um doador pode salvar diversas vidas e neste cenário de pandemia de Covid-19, a Fundação Pró-Sangue, instituição que abastece cerca de 100 hospitais em todo o estado de São Paulo, está operando com 50% de sua capacidade. Ademais, os níveis estão críticos de estoque dos tipos O+, O- e B-.

Pensando nisso, o Ministério da Saúde lançou hoje uma campanha para incentivar a população a doar sangue com mais frequência. A ideia é incrementar o estoque do país, já que teve uma redução de 10% desde o início da pandemia.

No ano de 2019, foram realizadas 3.271.824 coletas de sangue no país e em 2020 o número caiu para 2.958.665. De acordo com o ministério, isso se deu em razão da diminuição na circulação de pessoas.

Há também a insegurança de que não seria o ideal ou o receio de contrair o vírus. A Dra. Fernanda Buonfiglio de Castro Monteiro – médica de Família e Comunidade na ViBe Saúde – esclareceu que é seguro doar e que os locais estão preparados para receber os doadores, em que a triagem dispensa qualquer pessoa que apresente ou apresentou sinais e sintomas gripais, como: nariz escorrendo, tosse, espirros, febre e dor de garganta, nos últimos 14 dias.

“A triagem, que sempre foi bastante rigorosa, permite ainda a dispensa de todos que tiveram contato ou que foram sabidamente expostos ao Covid- 19 nos últimos 14 dias”, disse. Segundo a médica, durante a coleta, deve ser respeitada a distância mínima entre as pessoas, os profissionais devem estar paramentados e o doador deve estar com máscara.

Saiba os critérios de doação de sangue

- Estar em bom estado de saúde;
- Ter entre 16 e 69 anos – menores de 18 anos precisam levar a documentação necessária e o formulários de autorização preenchido por um responsável;
- Pesar no mínimo 50 kg;
- Estar descansado(a) e alimentado(a);
- Pós-vacinação contra a gripe: esperar 48 horas;
- Pós-vacinação contra a Covid-19: caso tenha recebido a Coronovac, esperar 48 horas. Para as demais vacinas (Pfizer e AstraZeneca), aguardar sete dias;
- Pós-Covid-19: somente passados 30 dias após a recuperação clínica completa.
- Além disso, a pessoa que tomou a vacina contra o coronavírus precisa respeitar o tempo mínimo de dias para que possa doar sangue. “Este tempo mínimo varia de acordo com a vacina recebida, por isso é importante levar o Comprovante de Vacinação, que será avaliado na triagem”, explicou a Dra. Fernanda Buonfiglio. Ela também enfatizou que “as pessoas que contraíram Covid-19 devem aguardar 30 dias para se candidatar à doação, contados após sua plena recuperação.”

A FESTA JUNINA

Autor: Juarês Alencar Pereira

Vou Contar nesse Cordel
 Dá gosto de relatar
 Sobre a festa junina
 Que é bastante popular
 Na Europa ela surgiu
 De lá veio pro Brasil
 Para aqui se consagrar.

No Nordeste brasileiro
 Virou mesmo tradição
 Sempre cada vez mais forte
 Ganhou nova versão
 E de uma festa pagã
 Foi transformada em Cristã
 Em louvor a São João.

Conforme relata a Bíblia
 E segundo a tradição
 Esse uso da fogueira
 Tem a sua explicação
 Izabel promete avisar
 Prima ao ver fumaça no ar
 Foi o nascimento de João.

Antes era conhecida
 Como festa Joanina
 Mas passou a ser chamada
 Também de festa junina
 Sendo assim ampliada
 Ficou logo consagrada
 Na cultura nordestina.

Assim junho se transformou
 Num mês todo festeiro
 Também com santo Antônio
 O santo casamenteiro
 Com são Pedro a completar
 Esse santo popular
 Que do céu é o chaveiro.

Do Nordeste se espalhou
 E ganhou todo Brasil
 Em todo canto se ver
 Como ninguém nunca viu
 Está no Sul e Sudeste
 No Norte e Centro Oeste
 Sem perder o seu perfil.
 Essa festa ta marcada
 Pela grande animação
 Tem fogueira e milho assado
 Tem foguete e tem balão
 Quadrilha pra todo lado
 E xote baião e xaxado
 Relembrando Gonzagão.

Tem muita coisa gostosa
 Pra todo mundo comer
 São pratos deliciosos
 Que se tem a oferecer
 Canjica, aluar, paçoca
 Bolo de milho e tapioca
 Muito quentão pra beber.

A grande festa da roça
 Tomou conta da cidade
 Arraiá pra todo lado
 É grande a diversidade
 Tem casamento caipira
 Que no humor se inspira
 Com toda criatividade.



DEMONSTRATIVO ADMINISTRATIVO - FINANCEIRO

DEZEMBRO 2020

Caro(a) Associado(a),

A Diretoria Financeira da **ASSERJUF** publica nesta edição, o Demonstrativo Administrativo-Financeiro referente ao mês de **DEZEMBRO/2020**. Os documentos fiscais comprobatórios estão no escritório à disposição de qualquer associado. Para maiores esclarecimentos, a diretoria da ASSERJUF estará à disposição pelo e-mail: asserjuf@trf1.jus.br.

RECEITAS OPERACIONAIS ¹	R\$ 39.882,59
DESPESAS OPERACIONAIS ²	R\$ 35.507,80
RESULTADO	R\$ 4.374,79
RECEITAS NÃO-OPERACIONAIS ³	R\$ 1.244,54
DESPESAS NÃO-OPERACIONAIS ⁴	R\$ 43.178,86
RESULTADO	-R\$ 41.934,32
RESULTADO DO MÊS	-R\$ 37.559,53

(1) CONTRIBUIÇÃO DOS ASSOCIADOS. (2) DESPESAS COM FOLHA; IMPOSTOS; CONTABILIDADE; JURIDICO; TELEFONE; INTERNET; BRINDES E PRESENTES. (3) OUTRAS CONTRIBUIÇÕES. (4) OUTRAS DESPESAS.

Caro(a) associado(a)

Não está recebendo nossos e-mails Envie seu contato para:

contato@asserjuf.org.br

Fique atento e receba todas as nossas novidades!



SEMPRE COM VOCÊ!

Para você receber os informes da ASSERJUF por whatsapp, é importante salvar o número

71 3306-8382 na agenda do celular.



Obs.: A ASSERJUF não se responsabiliza pelos textos assinados e publicados no jornal ou redes sociais.

EXPEDIENTE



Jornal acessado por e-mail por 569 associados
 Disponível em www.asserjuf.org.br
 Tiragem: Digital/ Periodicidade: semanal
 Direção e Revisão: Luzineide Oliveira
 Criação / Diagramação e Textos: Elaine Reis
 Distribuição para servidores inativos.

ASSERJUF - Associação dos Servidores da Justiça Federal na Bahia
 Av. Ulisses Guimarães, 2631 - Sussuarana
 Salvador - Ba - CEP. 41.213-000

DIRETORIA EXECUTIVA

Vera Maria Barros Pereira (CEMAN)
 Luzineide Araújo de Oliveira (Aposentada)
DIRETORIA ADMINISTRATIVA / FINANCEIRA
 Marlene de Jesus (Aposentada)

Águido Miranda Barreto (Aposentado)
DIRETORIA DE BENEFÍCIOS, COMUNICAÇÃO E EVENTOS

Manoel Pinto Rodrigues da Costa Neto (CEMAN)
 Cristina Simões de Oliveira (CEMAN)

CONSELHO FISCAL 2019 / 2021

Titulares

Joilton Pimenta da Silva
 Claudio Henrique Santos de Oliveira

Suplentes

Adalice Menezes de Almeida
 Dirceu Lelis Aranha
 José Zito dos Santos

71 3306-8382

www.asserjuf.org.br asserjuf@uol.com.br

fb.com/asserjuf asserjuf_instagram